

# UM CERTO CAPITÃO RODRIGO, DA LITERATURA PARA A TELEVISÃO: O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM

Ketlyn Emanuele Lourenço<sup>1</sup>

Wellington Fioruci<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo demonstrar a construção do personagem Capitão Rodrigo Cambará, analisando, para tanto, sua constituição na obra literária *O tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, e a sua adaptação para a televisão pela Rede Globo, dirigida por Paulo José e filmada na década de 1980. Desta forma, primeiramente, deverá ser explorada e contextualizada a construção espaço-temporal na qual o personagem está inserido. Na sequência, deve-se focar na adaptação televisiva da obra, possibilitando assim a análise das características comuns e divergentes a cada uma das versões, literária e televisiva. Após esta coleta de informações, será realizada uma discussão comparativa entre as duas obras, buscando estabelecer as conexões existentes entre ambas, destacando os pontos positivos e negativos presentes, tanto na obra literária, quanto na produção audiovisual. Entretanto, é importante destacar que o presente trabalho tem como finalidade realizar a discussão sobre a construção do personagem Capitão Rodrigo, destacando assim suas principais características nas duas obras que serão abordadas. Para que os objetivos sejam alcançados, o trabalho será amparado em autores como: Brito (2007), Avellar (2007), Benjamin (1985), Reimão (2004), Hutcheon (2011) e o próprio Érico Veríssimo.

**PALAVRAS CHAVE:** Construção, Personagem, Adaptação, Sociedade, Televisão.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe a análise da construção do personagem Capitão Rodrigo Cambará, da obra *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo e também de sua adaptação para a televisão por meio da minissérie, homônima, produzida pela Rede Globo na década de 1980. A análise deverá ser realizada em nível linguístico em sua forma literária e estética na adaptação do personagem para a televisão.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda do curso de Linguagem e Sociedade da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) [www.utfpr.edu.br](http://www.utfpr.edu.br) e-mail: Ketlyn.emanuele@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor, Coordenador do PPGL (Mestrado) UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), [www.utfpr.edu.br](http://www.utfpr.edu.br) e-mail: tonfiorucci@hotmail.com - Orientador do presente artigo

Ao promover pesquisas sobre adaptações literárias para outros meios é perceptível que, desde os seus primórdios, a literatura foi utilizada como inspiração para peças teatrais, obras cinematográficas e, mais recentemente, para produções televisivas. Desta forma, inúmeras obras literárias foram adaptadas no decorrer do tempo, tanto para teatro, quanto cinema e televisão. Reimão (2004), destaca que, no Brasil, a produção de telenovelas encontrou na literatura ficcional nacional e, em especial, nos romances, enredo e personagens para suas tramas.

Assim, as obras de Érico Veríssimo também foram adaptadas tanto para o cinema, quanto para a televisão e serviram de inspiração para o entretenimento de milhares de espectadores. Veríssimo apud Brito (2007) conta que por muitos anos recebeu propostas de cineastas dispostos a filmar *O Continente*, porém não conseguia finalizar as negociações. Ao ver sua obra adaptada para a televisão, o autor argumenta que gostou de algumas partes, porém odiou outras.

O livro ao qual Érico Veríssimo se refere faz parte de seu conjunto de obras pertencentes a fase na qual o autor se dedicou a escrita de romances históricos, mais especificamente as obras do conjunto de *O tempo e o Vento*, o qual é dividido em três momentos: I – *O continente* (1948), II – *O retrato* (1951), III – *O arquipélago* (1961). Sendo que cada obra é complementar as outras e nelas estão transcritos duzentos anos de história do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, do Brasil.

Contudo, o presente trabalho pretende ater-se ao personagem Capitão Rodrigo Cambará, o qual se faz presente em *O Continente*, primeira parte da trilogia de *O Tempo e o Vento*. Neste episódio estão retratados mais de cem anos de história, sendo que a mesma abrange o período entre 1777 e 1895, época na qual há grandes transformações sociais, políticas e culturais, as quais são consideradas essenciais para a cultura rio-grandense.

Veríssimo apud Brito (2007) admite que sentia vontade de ver um filme baseado em Um Certo Capitão Rodrigo, porém o autor, que faleceu no ano de 1975, não chegou a ver a adaptação de sua obra para a rede Globo, a qual ocorreu apenas em 1985 e será abordada neste artigo.

A minissérie, assim como a obra de Veríssimo, buscou demonstrar a formação do povo rio-grandense, concomitantemente com as transformações políticas ocorridas no Estado e no país.

Entre os principais objetivos deste artigo pode-se destacar a contextualização histórica na qual o personagem está inserido, demonstrar a composição do personagem no livro e para a televisão, apontando os recursos estilísticos utilizados para sua diferenciação em ambos os formatos. Finalizando com as constatações sobre os aspectos semelhantes e divergentes, sobre Rodrigo Cambará, tanto na obra literária, quanto na adaptação audiovisual.

Partindo dos objetivos delimitados, será utilizada uma metodologia composta a partir de revisão bibliográfica e análise de adaptação televisiva de obra literária. Para que seja possível cumprir com a sua realização, primeiramente deve-se realizar uma atenta releitura da obra de Veríssimo, na sequência, assiste-se a série, notando as principais características do personagem a ser analisado e traçando o seu comparativo com a obra literária. A discussão será amparada em autores como: Brito (2007), Avellar (2007), Benjamin (1985), Reimão (2004), Hutcheon (2011) e o próprio Érico Veríssimo.

#### ROMANCE: PERSONAGEM E CONSTRUÇÃO ESPAÇO TEMPORAL

Por um longo período estudiosos realizaram uma divisão entre os discursos histórico e literário, acreditando que a história deveria ser baseada no real, enquanto a literatura trataria do ficcional. Entretanto, tal forma de pensar começou a ser modificada no início do século XX, sendo trazida uma proposta de inter-relação e interdependência entre as áreas.

O termo “romance histórico” foi utilizado, primeiramente por George Lukács na década de 1960. Para Esteves (2008), o romance histórico tem a ação ambientada em um passado anterior ao presente do escritor, sendo que o ambiente é rigorosamente reconstruído e figuras históricas ajudam a fixar a época na qual a história está ambientada. Assim, com esse plano de fundo é feita a introdução da trama fictícia com personagens e fatos criados pelo autor. A partir disto, a literatura feita por Érico Veríssimo em *O Tempo e o Vento* é classificada como romance histórico, pois nela o ficcional está atrelado a fatos históricos que realmente ocorreram no período no qual é ambientada a obra.

*O continente* juntamente com a trilogia *O Tempo e o Vento*, possui referências diretas a história de formação do povo rio-grandense, utilizando os personagens ficcionais para equiparar momentos históricos do Estado. Sendo que, principalmente, nos capítulos “O sobrado”, “Um certo capitão Rodrigo” e “Ana Terra”, o cenário histórico é de suma importância para o desenvolvimento da ficção de *O continente*. Assim, a primeira parte de *O Tempo e o Vento*, está

localizada no espaço temporal entre 1777 e 1895, período histórico de grandes mudanças políticas e sociais no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul.

Durante este período de tempo muitos foram os acontecimentos, entre eles deve-se destacar a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, no ano de 1777, o qual tinha como principal objetivo encerrar a disputa territorial entre Portugal e Espanha nas colônias sul-americanas. Desta forma, este tratado, que foi mediado pela Inglaterra e pela França, teve como principal objetivo pacificar as relações entre portugueses e espanhóis, os últimos mantiveram a colônia e a região dos Sete Povos das Missões, região que, posteriormente passou a ser parte do Estado do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Como contrapartida, foi reconhecida a soberania dos portugueses sobre a margem esquerda do rio da Prata, cedidas algumas fronteiras e devolvida a ilha de Santa Catarina.

Esta fase de guerra entre castelhanos e brasileiros é retratada no início de *O Continente*, principalmente com a parte denominada *Ana Terra*. Na qual, os moradores das fronteiras com o Uruguai têm dificuldades com seus vizinhos, que molestam mulheres e também roubam gado e prejudicam suas plantações. Sendo justamente por conta de tais disputas territoriais que Ana Terra é obrigada a sair de sua estância e juntar-se a comitiva fundadora do povoado de Santa Fé.

A obra apresenta um salto no tempo e há a chegada de um forasteiro ao pacato povoado de Santa Fé. O autor deixa claro que o mesmo lutou em diversos conflitos no decorrer de sua vida, como é o caso da Revolução do Porto em 1821, o qual é referenciado em sua conversa com Juvenal Terra. Rodrigo Cambará também teria participado da Batalha de Rincón, em 1825 ao lado de João Propício Mena Barreto, militar brasileiro pertencente a uma das famílias pioneiras do Rio Grande do Sul, que lutou em diversas guerras, como a Guerra da Cisplatina e a Revolução Farroupilha.

Assim, temos um conjunto de personagens fictícios, o povoado de Santa Fé, em um contexto histórico real. Entretanto, deve-se destacar que apesar de apresentar fatos históricos, o autor os utiliza como efeitos estéticos e literários para a sua obra. Ou seja, a utilização da história como plano de fundo para o desenvolvimento de seus personagens pode ser considerado como um dos recursos estilísticos de Érico Veríssimo para a composição de sua narrativa. Outro elemento estilístico utilizado pelo autor é a caracterização de seus personagens, para tal, o autor se utiliza de um grande número de adjetivos.

A partir disto são apresentados os dois elementos principais da composição da obra de Érico Veríssimo: o contexto histórico e os personagens. Sendo que o autor busca mesclar marcas históricas de maneira explícita e implícita com seus personagens, tanto históricos quanto fictícios.

Este é outro ponto importante, as personagens se fazem presentes em grande parte da história. Toda a ação, fictícia ou histórica, gira em torno de um personagem. Esse recurso vem de encontro com o pensamento de Rosenfeld (2005) que acredita que toda narração, mesmo a não-fictícia, exige que não haja ausências demasiado prolongadas do elemento humano, pois o autor acredita que caso ocorra a ausência do personagem acaba fazendo com que o texto se torne uma mera descrição. Partindo deste pressuposto, presume-se que a personagem é a ficção, pois é em torno dela que se tece a história. Em *O Continente*, Veríssimo utiliza diversos recursos da língua para que possa dar conta de construir os personagens, ambiente e contexto no qual a história da obra acontece.

Assim tem início a história tecida sobre o Capitão Rodrigo Cambará, um personagem com vida tumultuada, com muitos altos e baixos, apresentando uma personalidade bastante volátil e que sofre diversas alterações no decorrer da história. A narrativa dá conta de que o Capitão Rodrigo Cambará chega ao povoado de Santa Fé no ano de 1828, de maneira misteriosa:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

- Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!  
(VERÍSSIMO, 2010, p. 222)

Com essa passagem é possível perceber que Rodrigo Cambará adentra de maneira nada discreta ao povoado, com poucos pertences em seu cavalo. O personagem ostenta sua condição de combatente com parte de sua farda e o orgulho em exhibir seu lenço encarnado que “esvoaçava no ar como uma bandeira”. Porém, ele, também, demonstra muito orgulho em ser gaúcho, com sua bombacha e bota típicas da vestimenta da região. Ainda neste excerto é perceptível o tom de deboche e, ao mesmo tempo, de desafio do personagem, quando em um

primeiro momento declara: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho” (VERÍSSIMO, 2010, p. 222). Sendo a partir desta fala que se dá o primeiro contato de Rodrigo com os demais habitantes do povoado e o conhecimento de Juvenal Terra, personagem fundamental para o desenvolvimento da história de Cambará.

A trajetória de Rodrigo Cambará mescla-se com a do desenvolvimento do povoado de Santa Fé, desta forma em muitos momentos é perceptível o Capitão discutindo assuntos diversos com os demais personagens da trama. De personalidade polêmica, não se acanha diante da autoridade de Ricardo do Amaral quando pede para permanecer no povoado de Santa Fé.

- Nunca me engano com homem nem com cavalo. Vosmecê tem um jeito de olhar e de falar com as pessoas que faz o sangue da gente ferver.

- Não é minha culpa. Nasci assim. E imediatamente Rodrigo percebeu que a voz lhe saía atrevida e agressiva. (VERÍSSIMO, 2010, p. 272)

No decorrer de sua obra, Érico Veríssimo deixa claro que a maior parte da comunidade do povoado de Santa Fé, indistintamente, se encanta com o Capitão Rodrigo:

Depois, Juvenal sempre desconfiara de homem de olho azul.... No entanto, podia jurar que nunca vira cara de macho mais insinuante. Os cabelos do capitão eram meio ondulados e dum castanho escuro com uns lampejos assim como de fundo de tacho ao sol. O nariz era reto e fino, os beiços dum vermelho úmido, meio indecente, e o queixo voluntarioso. (VERÍSSIMO, 2010, p.226)

E, o Capitão demonstra ter consciência do encanto que exerce sobre as demais pessoas, como pode ser percebido com a citação que segue:

Fez uma pausa. Tirou os pés de cima da mesa, de novo apertou o lenço. Na porta a mulher do Nicolau tornou a espiar e só então, voltando a cabeça, é que Rodrigo percebeu que, na sala da frente da venda, outros homens também tinham estado a escutá-lo. Isso lhe deu um ânimo novo. Quando voltou a falar foi com voz mais forte e numa inflexão mais dramática. (VERÍSSIMO, 2010, p.236)

Devido ao seu magnetismo pessoal, Rodrigo passa, com o tempo, a ser o centro das atenções do povoado. Inicialmente, por ser um homem apaixonado e que luta para conquistar o direito de se casar com Bibiana Terra. Sendo quase assassinado por Bento Amaral durante um duelo pela mão da irmã de Juvenal. Ou mesmo, com o decorrer do tempo, após o seu casamento e o estabelecimento de moradia no povoado. A monotonia do cotidiano de Santa Fé, desencadeia um lado da personalidade de Rodrigo Cambará que ainda não tinha sido apresentado ao leitor. O peso das responsabilidades como chefe de família, faz com que o Capitão volte seus olhos para novas aventuras, realizando as viagens para a busca de mercadorias para a venda, vivendo romances extraconjugais, farreando e gastando seus ganhos

em rodas de carteadado. A mudança da personalidade de Rodrigo é perceptível a Bibiana Terra, que durante suas noites de fiar:

Sentia que o marido mudara. Estava quase sempre com o hálito recendendo a cachaça e agora com frequência abandonava a venda para ir jogar baralho na casa do Chico Pinto. Dizia-se que as paradas eram altas e que os homens ficavam jogando, fumando e bebendo, durante horas e horas. (VERÍSSIMO, 2010, p.347)

A partir da constatação da esposa de Cambará pode-se perceber a volatilidade de Rodrigo Cambará, sendo que este se encanta facilmente com as possibilidades que lhes são apresentadas, contudo também se desilude mais facilmente e desiste de seus objetivos iniciais. Entretanto, a característica mais marcante do Capitão é o patriotismo rio-grandense, sendo que toda a história da vida desta personagem é fundamentada na cultura gaúcha.

### A MINISSÉRIE: A ADAPTAÇÃO DE UM PERSONAGEM

A adaptação da obra “*O Tempo e o Vento*”, de Érico Veríssimo, foi um evento bastante planejado pela central de produções da rede globo, sendo que teve sua iniciativa no ano de 1980, porém o projeto foi adiado e estreado apenas em 1985. Desta forma, assim como na obra, a série está focada nos momentos históricos do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, do país, porém tendo como plano principal a história de seus personagens. A minissérie, assim como os livros, também abrange 200 anos de história. Os primeiros povoados, as terras descampadas, as missões, a guerra dos farrapos e a instauração da república estão presentes em ambas as obras, com menor destaque na adaptação televisiva.

Com relação a adaptação de uma obra literária torna-se pertinente pensar que a função narrativa que está presente na escrita é extinta nos palcos e filmagens, pois há a intervenção de atores e cenários, que assumem a história para contá-la. Assim, o sujeito fictício dos enunciados, desaparece, pois não são as palavras que constituem o personagem e seu ambiente, mas sim as próprias personagens que ganham vida com a interpretação de atores e a construção de cenários. (ROSENFELD, p. 21, 2005)

Na obra audiovisual em questão torna-se bastante clara a preocupação com as locações das filmagens, sendo estas muito fidedignas as descrições realizadas pelo autor, o qual teve o cuidado em detalhar os locais nos quais se passam os eventos de sua história. Um aspecto a ser ressaltado com relação a adaptação de obras literárias é a crença de que por determinado tempo é possível dispensar os personagens de cena, atentando assim para os cenários. De acordo com Rosenfeld (2005) isto seria possível devido a um conjunto de fatores, entre eles a diferença que

há entre as mídias e a concretização possibilitada pela produção de uma obra literária para a televisão, teatro ou cinema.

Desta forma, para a adaptação de *O Tempo e o Vento*, o diretor optou pela utilização de diversas séries de imagens que servem para ilustrar os locais nos quais a história se passa, valorizando assim o contexto espacial da mesma. Tal formato de edição possibilita que o telespectador vivencie a trama, vislumbrando os diferentes cenários transitados pelos personagens.

Ao debater sobre adaptação literária para outras mídias, Stam (2006) destaca que a teoria e a análise literária estão ligadas, direta ou indiretamente a ideia de intertextualidade, sendo esta pertinente para o filme e para a adaptação. Assim, cogitando uma forma de definir adaptação Hutcheon (2011, p.61) acredita que adaptar é “[...] um tipo de palimpsesto extensivo, e com frequência, ao mesmo tempo, uma transcodificação para um diferente conjunto de convenções. Em alguns momentos, [...] essa transcodificação implica uma mudança de mídia”. Ou seja, a autora acredita que a adaptação de uma obra literária para outra forma midiática é de certa maneira uma nova reescrita da obra, pois são feitas adequações para atingir novos públicos, para que a história seja contada em sua completude ou mesmo para facilitar a compreensão de algo mais denso realizado até então sobre tal obra literária.

Ao considerar-se tal transcodificação para a análise da minissérie *O Tempo e o Vento*, percebe-se que a obra, que faz parte de uma série de adaptações realizadas pela Rede Globo de Televisão, tinha como principal objetivo a demonstração de diferentes culturas regionais do Brasil. Partindo de tal pressuposto, pode-se dizer que a construção dos personagens foi permeada por uma busca estereotípica para demarcar as diferenças culturais existentes no território nacional. Sendo assim, a equipe responsável pela adaptação da obra para a televisão, buscou características marcantes no vestuário, no modo de falar e na cultura do povo do Rio Grande do Sul para a adaptação de *O Tempo e o Vento*.

Enquanto Hutcheon (2011) trata da transcodificação, Genette apud Stam (2006), traz o conceito de transtextualidade para definir as relações existentes entre diferentes textos. Sendo que tais “relacionamentos” podem ser explícitos ou mesmo implícitos. A partir disso, Genette apud Stam (2006) secciona a transtextualidade em cinco tipos, sendo eles: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a arquitextualidade e a hipertextualidade. Ao analisar detalhada e separadamente cada uma das transtextualidades propostas por Genette apud Stam (2006), percebe-se que nas obras estudadas no presente artigo, pode-se frisar que a



hipertextualidade tem destaque frente as demais. Isto é possível devido a conceituação da hipertextualidade, no caso de adaptações, definida por Genette apud Stam (2006, p. 34):

“[...]se refere à relação entre um texto, que Genette chama de “hipertexto”, com um texto anterior ou “hipotexto”, que o primeiro transforma, modifica, elabora ou estende”. [...]Adaptações cinematográficas, nesse sentido, são hipertextos derivados de hipotextos pré-existentes que foram transformados por operações de seleção, amplificação, concretização e efetivação. [...] as várias adaptações anteriores de um romance podem formar um grande e cumulativo hipotexto disponível para o cineasta que chega relativamente “atrasado” nessa sequência. Adaptações cinematográficas, desta forma, são envolvidas nesse vórtice de referências intertextuais e transformações de textos que geram outros textos em um processo infinito de reciclagem, transformação e transmutação, sem nenhum ponto claro de origem. (GENETTE apud STAM, 2006, p. 34 e p. 35)

No caso da adaptação estudada são claras as relações entre hipertexto e hipotexto, sendo que o último é claramente reproduzido pelos atores na adaptação dos personagens e, até mesmo é utilizado o recurso da narração para dar conta da história narrada na obra literária. No decorrer da pesquisa constatou-se que várias foram as adaptações realizadas da obra supracitada, contudo, não se analisou as possíveis relações entre as mesmas.

Entre os principais aspectos a serem percebidos sobre a adaptação de uma obra literária para outras mídias deve-se citar a ausência de independência intelectual, ou seja, enquanto o autor escreve um livro independentemente, para a transposição em outras mídias é necessário um processo de produção coletivo. Para exemplificar, Hutcheon (2011) cita que, no cinema, muitas vezes, o roteiro é construído por mais de um roteirista, sendo assim o diretor o indivíduo que tem mais liberdade criativa no momento da filmagem. Não esquecendo ainda que há toda uma equipe responsável pelo figurino, trilha sonora, fotografia, efeitos especiais, etc. tudo para que a adaptação seja o mais próximo possível do imaginado pelo leitor ou possa fazer com que quem não tenha lido a história tenha acesso a uma boa obra audiovisual.

Confirmando o ponto de vista sobre produção coletiva de Hutcheon (2011), de acordo o Memória Globo, *O Tempo e o Vento* foi a maior produção televisiva da emissora até a década de 1980, sendo que quase cinco mil pessoas estiveram envolvidas no projeto durante a sua execução. Muitas foram as cenas de batalhas e as mudanças de locações, as quais foram feitas em diversos locais do Estado do Rio Grande do Sul. Aspectos que veem corroborar com a percepção de Hutcheon (2011) sobre o trabalho em conjunto para a adaptação da obra literária.

Raramente adaptações literárias para a televisão e o cinema são extremamente fiéis às obras ‘mãe’, conseqüentemente a trajetória de personagens é modificada de maneira a agradar a audiência. Com isto, muitos são os personagens que se destacam neste período histórico literário, porém os que têm maior visibilidade na minissérie são Ana terra, e sua família, e

consequentemente os agregados a tal família. Desta forma, *O Tempo e o Vento* não se torna apenas a história de um estado/país, mas sim a história da geração de seu povo.

Capitão Rodrigo Cambará chega a Santa Fé, povoado fundado por Ricardo Amaral em um dia de finados, apesar de lutar pela instauração de um regime político Cambará sempre se mostrou voluntarioso e cheio de manias que são demonstradas desde o primeiro momento em que ele entra em cena, tanto no livro, quanto na minissérie. A qual apresenta um maior apelo visual, sendo que Rodrigo Cambará se mostra mais atrevido, deixando clara a sua imagem de conquistador, desde o primeiro momento.

Enquanto que no livro, Capitão Rodrigo é apresentado inicialmente com ar de mistério, não mostrando de cara o que procura. Mas, por ser uma pessoa voluntariosa torna-se alvo de muitos ‘inimigos’ no povoado, inimigos estes que lutam para mostrar qual seria a verdadeira personalidade do Capitão. Contudo, mesmo contra a autoridade de Santa Fé e demais desafetos, Rodrigo decide ficar. O propulsor da decisão do capitão foi a visão de Bibiana Terra, tal fato, fortaleceu seu desejo de estabelecer moradia em Santa Fé e formar família. Entretanto sua paixão não é vista com bons olhos pela família da moça e também por Bento Amaral, pretendente de Bibiana.

Na produção audiovisual fica claro que a preferência de Bibiana por Rodrigo desencadeia um ódio que perdura por gerações e faz com que cada acontecimento em Santa Fé seja polarizado entre os Terra Cambará e os Amarais. Desta forma, a produção televisiva da saga *O Tempo e o Vento* está pautada, principalmente na dramaticidade e na busca pelo típico gaúcho, é isto que fica claro na construção do personagem de Rodrigo Cambará, tipificando o mesmo de maneira caricata e simpática aos olhos do público.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo tornou-se possível a investigação a respeito da construção do personagem do Capitão Rodrigo Cambará. Desta forma, tornou-se possível a constatação de características comuns às duas obras.

Contudo deve-se destacar que a adaptação tem a necessidade de tornar-se diferente da obra da qual tomou inspiração, seja pelo formato narrativo, utilização do foco das câmeras, escolha do elenco e, até mesmo, a organização dos cenários, caso contrário a adaptação passará a ser apenas uma reprodutibilidade técnica, como Benjamin (1985) denominou as obras inspiradas na literatura.

Com isto, pode-se destacar que as principais características de Rodrigo Cambará são a virilidade, o patriotismo e o magnetismo pessoal, as quais se fazem presentes tanto na obra literária, quanto no audiovisual. A produção de *O Tempo e o Vento* para a televisão tinha como foco a demonstração da cultura da região sul do país, desta forma é atribuída grande ênfase à vestimenta e às gírias rio-grandenses. Em concordância com a obra literária, a adaptação também faz claras referências aos aspectos históricos, trazendo a história como plano de fundo para o desenvolvimento da trama. Na transposição da obra para a televisão, os romances extraconjugais e a volatilidade de caráter de Rodrigo Cambará são mais evidentes.

A partir da pesquisa realizada para a composição deste artigo, constatou-se que ainda há diversos pontos possíveis a serem explorados, sendo possível uma continuidade para o trabalho. Assim, argumenta-se com o que o mesmo deve vislumbrar a obra audiovisual e o espectador leia sua versão literária, sendo assim possível o intercâmbio das diferentes e complementares informações constantes em ambas as obras.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ESTEVES, Antonio R. **Considerações sobre o romance histórico** (No Brasil, no limiar do séc. XXI). Revista de Literatura, História e Memória. Vol.4, nº4, p. 53-66, 2008.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- REIMÃO, Sandra. Livros e Televisão: Correlação. São Paulo: Ateliê, 2004.
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In. Ilha do Desterro. p. 19 a 55. Florianópolis: UFSC, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. In: CANDIDO, Antonio (Org.).A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2005. 11 ed
- VERISSIMO, Erico. **O continente**. (vol. I e II). Companhia das Letras, 2010.
- VERÍSSIMO, Érico. IN Literatura e Cinema. BRITO, José Domingos de. (Org). São Paulo: Novera, 2007.